

# “Não se vive em amor sem dor”



” Escolhi-vos e destinei-vos a dar fruto!”

Jo 15, 16

Caderno de Oração Verbum Dei

Quaresma 2010

# Caderno de Oração

## Quaresma 2010

### ÍNDICE

Só Deus sabe	1
<b>1ª Parte – Quaresma</b>	<b>5</b>
Abraçar o sacrifício	7
* 1º Dom. Quaresma – As nossas tentações	12
* 2º Dom. Quaresma – Caminhar para a Luz	16
* 3º Dom. Quaresma – Parar e Ouvir!	18
* 4º Dom. Quaresma – “Saboreai e Vede”	22
* 5º Dom. Quaresma – Crer em Deus e na Humanidade	25
<b>2ª Parte – Semana Santa</b>	<b>29</b>
Chamados à Vida!	31
* Domingo Ramos – Os nossos muitos porquês	37
* 5ºF Santa – Amar sem medidas	41
* 6ºF Santa – Entregar a vida voluntariamente	47
* Vigília Pascal – Noite Mágica	51
<b>3ª Parte – Olhar de Deus sobre o sofrimento</b>	<b>55</b>
Onde está Deus?	57
Catástrofes Naturais	60
Guerras, violência e acidentes provocados pelo homem	64
“Salvifici Dolores”	70

## **Só Deus sabe ...**

Começamos agora a Quaresma e, para além dos domingos de Quaresma e da Semana Santa, pensámos abordar o tema do sofrimento humano, seja aquele que surge “naturalmente” e não directamente associado à obra do homem (como seja o terramoto no Haiti) como também aquele que é provocado pelos nossos actos ou ausência deles.

Jesus viveu uma vida rica em exemplos de situações de sofrimento acolhidas e aceites, ainda que aparentemente “irracional”. Sentimos por isso que também nós somos chamados a reflectir (em especial nesta Quaresma) qual o sentido de acolhermos os sofrimentos que nos são dados viver (não por vontade de um Deus que é amor, acreditamos).

Mais do que reflectir sobre a razão de determinados “azares” nos acontecerem, a maturidade no amor não passa antes por dar um passo em frente e oferecermos as nossas capacidades e talentos para superar as nossas cruces e também as dos outros que por nós passam?

Onde está Deus no meio de tanto sofrimento que presenciamos?

Estará nas mãos de Deus evitar algumas catástrofes?

Teremos nós maior responsabilidade nos desastres do que pensamos?

Porque o sofrimento faz parte da vida e a sua solução não passa por fugir dele, deixemo-nos conduzir e interpelar pelo Espírito Santo nesta Quaresma.

Quem sabe não seremos então capazes de nascer para uma nova vida com menos queixas e caras tristes mas antes com um coração mais leve e disponível e ainda uma profunda gratidão pela vida que em cada dia nos é dada viver!

## Eu sei

*Se eu voar sem saber onde vou  
Se eu andar sem conhecer quem sou  
Se eu falar e a voz soar com a manhã  
Eu sei...*

*Se eu beber dessa luz que apaga  
A noite em mim  
E se um dia eu disser  
Que já não quero estar aqui  
Só Deus sabe o que virá  
Só Deus sabe o que será  
Não há outro que conhece  
Tudo o que acontece em mim*

*Se a tristeza é mais profunda que a dor  
Se este dia já não tem sabor  
E no pensar que tudo isto já pensei  
Eu sei...*

*Se eu beber dessa luz que apaga  
A noite em mim  
E se um dia eu disser  
Que já não quero estar aqui  
Só Deus sabe o que virá  
Só Deus sabe o que será  
Não há outro que conhece  
Tudo o que acontece em mim*

*Se eu beber dessa luz que apaga  
A noite em mim  
E se um dia eu disser  
Que já não quero estar aqui  
Na incerteza de saber  
O que fazer, o que querer  
Mesmo sem nunca pensar  
Que um dia o vá expressar  
Não há outro que conhece  
Tudo o que acontece em mim.*

Sara Tavares  
(letra da canção "Eu sei")



# **1ª Parte**

## **Quaresma**

## Abraçar o sacrifício

Não gosto muito de estar constantemente a comparar os cristãos com os agnósticos e ateus mas talvez pela minha fraca fé, a verdade é que observar os ateus ajuda-me imenso a crescer na fé, mais do que olhar para os cristãos...

E como a Quaresma começa exactamente a seguir ao Carnaval e tem uma “conotação” de sacrifício (fazer silêncio interior, rezar, jejuar, partilhar), pensava no quão os ateus e agnósticos nos devem achar esquisitos (para não chamar outro nome) quando continuarem as suas vidas normalmente depois do Carnaval (provavelmente a projectar já as férias da Páscoa) e nos virem a iniciar um tempo longo de abdicção de uma série de coisas...

Contudo, a facilidade e a comodidade não são sinónimos de alegria e contrariamente ao que parece, começar um longo período de “controlo” é uma sorte... como explicar-me?

Há alguns anos tive o privilégio de passar férias com uma família muçulmana no Brasil em pleno Verão e durante o Ramadão. Como devem imaginar, o Verão no Brasil é quente e estar o dia todo sem comer nem beber não é fácil. No final do dia, a primeira coisa que os nossos amigos bebiam era um leite com açúcar e limão delicioso e lembro-me, ao beber aquele leite ao fim do dia, de pensar que, se para mim que não estava a fazer jejum há tantas horas, o leite me sabia pela vida, então para eles que deviam estar já quase com miragens a sonhar com líquidos, aquilo devia ser o paraíso na terra!

Sem dúvida nenhuma que passar algumas privações só nos faz crescer e valorizar a vida, por isso ainda que a 4ªF de cinzas (ainda por cima logo a seguir à 3ªF de Carnaval) tenha um ar mais “cinzento”, se aproveitarmos a Quaresma com o sentido de crescer no amor gratuito de Jesus, abençoadas “privações” poderemos então dizer!

Abdicar de algo por puro sacrifício é tolice mas abdicar de algo que pode ser supérfluo para nos concentrarmos em algo essencial, demonstra sabedoria!

A ideia do Ramadão consiste nos muçulmanos concentrarem-se no essencial, rezarem e aproximarem-se de Deus, afastando-se do que é supérfluo.

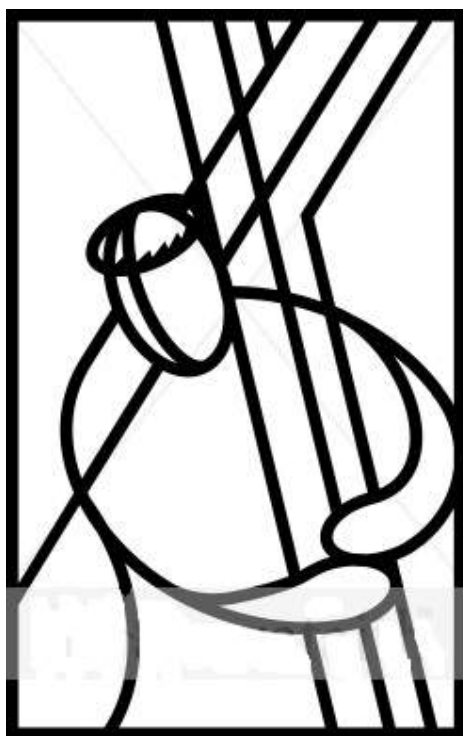
A ideia da Quaresma não é passarmos um mau bocado mas sim voltarmos ao essencial, concentrarmo-nos em Deus. E como não é possível ter tudo ao mesmo tempo, para se conseguir uma aproximação mais forte e com melhor qualidade de Deus, é essencial questionarmo-nos sobre a importância de determinados aspectos da nossa vida que talvez não sejam tão essenciais como pensamos.

A penitência, contrariamente ao que se possa pensar hoje em dia, é uma graça.

Perder-se o sentido do sacrifício e optar-se somente pelo comodismo é o fim do bem-estar profundo de todos nós. A alegria verdadeira passa por acolher tudo o que nos é dado viver com gratuidade e abertura de coração. Abdicarmos de certas coisas para crescermos no agradecimento pelos pequenos nada, para crescer na humildade e aceitar diminuir o nível de exigências, far-nos-á muito mais felizes.

E graças a Deus (no sentido literal da expressão), aprender a dar valor à penitência (com sentido, repito) é uma característica da Quaresma (e também do Ramadão).

Que o Espírito Santo nos ajude a compreender como valorizar então as várias penitências (muitas delas diferentes para cada um de nós) que poderemos fazer ao longo destes 40 dias!



## **Que sacrifício e misericórdia Deus nos pede**

Há algo comovente no Evangelho dominical (Mt 9, 9). Mateus não relata algo que Jesus disse ou fez um dia a alguém, mas o que disse e fez pessoalmente por ele. É uma página autobiográfica, a história do encontro com Cristo que mudou sua vida. «Partindo dali, Jesus viu um homem chamado Mateus, sentado na coletoria de impostos, e disse-lhe: 'Segue-me!' Ele se levantou e seguiu Jesus.»

O episódio, contudo, não é citado nos Evangelhos pela importância pessoal que revestia para Mateus. O interesse se deve a tudo que segue ao momento do chamado. Mateus quis oferecer «um grande banquete em sua casa» para despedir-se de seus antigos companheiros de trabalho, «publicanos e pecadores». Não podia faltar a reação dos fariseus e a resposta de Jesus: «Aqueles que têm saúde não precisam de médico, mas sim os doentes. Aprendei, pois, o que significa: 'Quero misericórdia e não sacrifício'». O que significa esta frase do profeta Oséias que Jesus repetiu? Acaso é inútil todo sacrifício e mortificação e que basta amar para que tudo esteja bem? Partindo desta passagem, pode-se chegar a rejeitar todo o aspecto ascético do cristianismo, como resíduo de uma mentalidade aflitiva ou maniqueísta, hoje superada.

Antes de tudo, deve-se observar uma profunda mudança de perspectiva na passagem de Oséias a Cristo. Em Oséias, a expressão se refere ao homem, ao que Deus quer dele. Deus quer do homem amor e conhecimento, não sacrifícios exteriores e holocaustos de animais. Nos lábios de Jesus, a expressão se refere a Deus. O amor de que se fala não é o que Deus exige do homem, mas o que dá ao homem. «Quero misericórdia e não sacrifício» significa: quero usar misericórdia, não condenar. Seu equivalente bíblico é a palavra que se lê em Ezequiel: «Não quero a morte do pecador, mas que se converta e viva». Deus não quer «sacrificar» a sua criatura, mas salvá-la.

Com esta observação, entende-se melhor também a expressão de Oséias. Deus não quer o sacrifício a «todo custo», como se gostasse de nos ver sofrer; não quer tampouco o sacrifício realizado para alegar direitos e méritos diante d'Ele, ou por um

mal-entendido sentido do dever. Quer, ao contrário, o sacrifício que é requerido por seu amor e pela observância dos mandamentos. «Não se vive em amor sem dor», diz a Imitação de Cristo, e a própria experiência cotidiana confirma isso. Não há amor sem sacrifício. Neste sentido, Paulo nos exorta a fazer de toda nossa vida «um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus»

Sacrifício e misericórdia são ambas coisas boas, mas podem tornar-se prejudiciais se forem mal distribuídos. São coisas boas quando (como fez Cristo) se escolhe o sacrifício para si e a misericórdia para os demais; tornam-se más quando se faz o contrário e se escolhe a misericórdia para si e o sacrifício para os demais. Se formos indulgentes conosco mesmos e rigorosos com os demais, dispostos sempre a desculpar-nos e a ser impiedosos para julgar os demais, não temos nada que revisar a respeito de nossa conduta?

Não podemos concluir o comentário da vocação de Mateus sem dedicar um pensamento afetuoso e agradecido a este evangelista que nos acompanha, com seu Evangelho, no curso de todo este primeiro ano litúrgico. Obrigado, Mateus, chamado também de Levi. Sem ti, como seria pobre nosso conhecimento de Cristo!

Comentário do Pe. Cantalamessa sobre a liturgia de X domingo do Tempo Comum



# As nossas tentações

## 1º Domingo de Quaresma

Deut. 26, 4-10; Salmo 90  
Rom. 10, 8-13; Lc. 4, 1-13

**“Era conduzido pelo espírito através do deserto” – o Senhor não nos envia para o deserto sozinhos; também lá estamos acompanhados pelo Seu Espírito. Somos capazes de nos aperceber da sua companhia? Ou cedemos à “tentação” de achar que estamos sozinhos, entregues a nós próprios?**

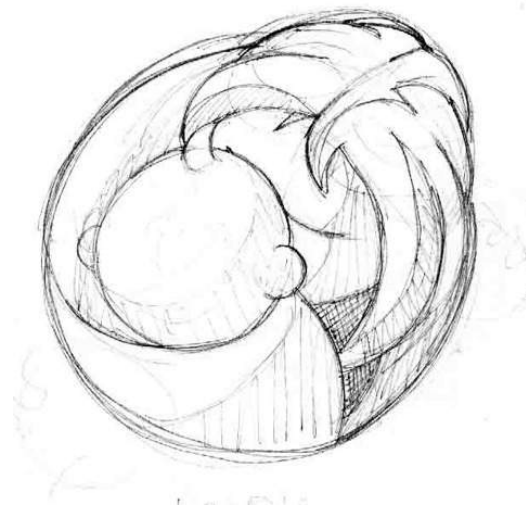
**“E agora, eis que trago as prémias dos frutos do solo que Tu me destes, lahweh” – cada um de nós traz dentro de si as promessas de Deus: as que nos fizeram andar até aqui; as que nos fez e ainda não descobrimos; as que ainda não ouvimos mas já pressentimos...**

---

Para mim tem sido muito difícil rezar – rezar no geral e estas pistas em particular – porque não me sinto, de todo, na Quaresma... a minha vida nos últimos quatro meses e meio alterou-se radicalmente e eu ainda não tenho a capacidade de rezar, nem tão pouco de formular/ expressar tudo o que vou vivendo ou olhar à volta para ver além da minha casa ... será este o meu desafio para esta Quaresma? Deixar que o Senhor me leve além da minha porta, da minha realidade?

Rezo muitas vezes em frente a um Santo António que ampara com o seu peito as costas de um menino de braços abertos e quando tentava preparar estas pistas, dava-me conta que, efectivamente é assim que me vou sentindo com Deus: uma menina com as costas protegidas e amparadas e o grande desafio que o Senhor me faz é mesmo esse: ser capaz de abrir os braços e abraçar a vida, agarrá-la não ter medo de a viver com Ele, de aceitar os desafios que Ele me vai fazendo, apesar de muitas vezes não serem aqueles que eu imaginei... quantas vezes deixei cair os braços, Senhor! Quantas vezes me deixei ficar na minha pequenez e com a mania que estava sozinha, deixei passar

oportunidades, desafios, fiz-me espectadora em vez de participante!... Esta maternidade recente veio provocar um vendaval na minha vida, mas todos os dias Te agradeço as forças que me deste, a “lavagem” dos ouvidos que me fizeste para que escutasse o que há tanto tempo me dizias, para deixar medos de lado e arriscar!... Só mesmo Ele sabe o tamanho do medo que senti quando entreguei os papéis para a adopção e também só mesmo Ele sabe os “apertos no estômago” que senti quando nos telefonaram a dizer que eles vinham aí!... Ninguém disse que ia ser fácil, nem tão transformador, mas aquilo que me vem, neste domingo “de tentações” é que, graças a Deus, não baixei os braços, resisti aos medos e aos anseios, à vontade de dizer “sim, mas...” e apostei naquilo que o Senhor me propunha, segui o caminho que Ele me indicava! Cada vez mais sinto que estes filhos foram um grande presente que o Senhor me deu e que trazemos em nós a promessa deste solo que nos destes, na medida em que agora cabe-nos a nós sermos capazes de construir uma família...



## **“A disciplina da oração”**

Uma das tragédias da nossa vida é continuarmos a esquecer-nos de quem somos e a perder muito tempo e energias a demonstrar o que não precisa de ser demonstrado. Somos filhas e filhos amados de Deus, não porque tenhamos demonstrado ser merecedores do amor de Deus, mas porque Deus nos escolheu livremente. Mas é muito difícil manter o contacto com a nossa autêntica identidade, porque os que querem o nosso dinheiro, o nosso tempo e a nossa energia aproveitam mais da nossa insegurança e receios que da nossa liberdade interior.

Por isso, precisamos de disciplina para continuar a viver de verdade e para não sucumbir às incontáveis seduções da nossa sociedade. Onde quer que estejamos, há vozes a dizer-nos “vai para aqui, vai para ali, compra isto, compra aquilo, faz o conhecimento deste, faz o conhecimento daquela, não percas isto, não percas aquilo” e assim por diante. Estas são vozes que continuam a desviar-nos da voz calma e suave que fala no centro do nosso ser: “Tu és o meu Filho amado, és o meu enlevo”.

A oração é o exercício para escutar essa voz de amor. Jesus passou muitas noites em oração escutando a voz que Lhe falava no rio Jordão. Também nós devemos rezar. Sem oração, tornamo-nos surdos à voz do amor e ficamos confundidos com as muitas vozes competitivas que exigem a nossa atenção. E como isto é difícil! Quando nos sentamos durante meia hora – sem falar com ninguém, sem ouvir musica, sem ver televisão ou sem fazer nenhuma leitura – e procuramos ficar quietos, vemo-nos tantas vezes abafados pelos nosso barulhos interiores que mal podemos esperar por nos ocupar e distrair de novo. A nossa vida interior, com frequência, parece-se com uma bananeira com macacos aos saltos! Mas quando decidimos não fugir, e manter-nos concentrados, esses macacos eventualmente vão-se embora por lhes não darmos atenção, e a voz suave e calma que nos chama “amados” pouco a pouco faz-se ouvir de novo. A maior parte das orações, Jesus fê-las de noite. “Noite” significa mais do que a simples ausência de sol. Significa também a ausência de sensações de comprazimento ou de iluminações interiores. Eis porque é tão difícil sermos fieis. Mas Deus é maior que o nosso coração e que a nossa mente e continua a chamar-nos “amados”... para além de quaisquer sentimentalismos.

“Aqui e agora – vida no espirito” Henri Nouwen

# **Caminhar para a Luz**

## **2º Domingo de Quaresma**

**Gen 15, 5-12. 17-18; Sal 26, 1. 7-8. 9abc. 13-14  
Filip 3, 17 – 4, 1; Lc 9, 28b-36**

**Neste caminho que estamos a percorrer somos convidados a olhar para a aliança que Deus quer fazer connosco.**

**Qual é a minha resposta?**

**Que digo eu ao Senhor cada vez que Ele me pede fidelidade?**

**Como estão os meus propósitos de mudança?**

---

Os textos que a Igreja nos convida a meditar neste domingo são um desafio à nossa fé.

A primeira leitura fala-nos da aliança que Deus faz com Abraão e de como é preciso uma resposta humana ao querer de Deus, que não quer fazer as coisas sem nós.

A segunda leitura aponta-nos para a necessidade de sermos firmes na fé, de sermos fiéis quando tudo corre bem mas também termos a capacidade de sermos perseverantes nas adversidades, podemos-nos perguntar se perante as adversidades do nosso quotidiano a nossa resposta é uma resposta de Fé.

Percebemos que na nossa vida precisamos de muitas vezes nos deixarmos iluminar pela transfiguração que Jesus faz e que mostra qual é o caminho do Pai. Não podemos querer fazer tendas mas precisamos da certeza da presença deste Jesus que hoje se manifesta para nos dar a coragem necessária para viver o dia-a-dia. Neste Evangelho percebemos que o nosso mundo precisa de se deixar iluminar, precisa de ser mais justo, precisa de procurar novos caminhos, precisa de ir pouco a pouco construindo um mundo novo.



“Converter-se a Cristo, acreditar no Evangelho, no fundo significa precisamente isto: sair da ilusão da auto suficiência para descobrir e aceitar a própria indigência – indigência dos outros e de Deus, exigência do seu perdão e da sua amizade. Compreende-se então como a fé não é um facto natural, cómodo, obvio: é necessário humildade para aceitar que se precisa que um Outro me liberte do “meu”, para me dar gratuitamente o “seu”. Isto acontece particularmente nos sacramentos da Penitencia e da Eucaristia. Graças á acção de Cristo, nós podemos entrar na justiça “ maior”, que é aquela do amor (cfr Rom 13,8-10), *a justiça de quem se sente em todo o caso sempre mais devedor do que credor, porque recebeu mais do que aquilo que poderia esperar. Precisamente fortalecido por esta experiencia, o cristão é levado a contribuir para a formação de sociedades justas, onde todos recebem o necessário para viver segundo a própria dignidade de homem e onde a justiça é vivificada pelo amor.*”

PAPA BENTO XVI DA MENSAGEM PARA A QUARESMA 2010

# Parar e Ouvir!

## 3º Domingo de Quaresma

Ex 3,1-8a.13-15  
1Cor 10,1-6.10-12; Lc 13, 1-9

As leituras deste Domingo de Quaresma são um apelo à conversão, a um olhar profundo sobre a nossa frágil existência e à nossa relação com o que nos rodeia, em particular com o sofrimento que presenciamos todos os dias.

Deus faz-nos *parar* no caminho: “Aqui estou”, diz Moisés. A este homem de fé, o Senhor colocou uma sarça ardente no seu caminho, a nós outros sinais da Sua presença. Tudo para o *ouvir*. S. Lucas lembra-nos a urgência deste encontro de (re)conversão, é urgente *ouvir* o que Deus quer para a nossa vida!

Imagino Moisés no dia da sua vocação. “Apascentava o rebanho do seu sogro”, um dia como todos os outros provavelmente. Estava sozinho, num dia como os outros, quando vê uma sarça que arde sem se consumir. A curiosidade faz aproximá-lo e a voz de Deus envolve-o, fala-lhe dos Seus sonhos para a sua vida...

Deus também me chama a mim, já há muito tempo todos os dias. Sinto que já faço um caminho, uma caminho de oração, de comunidade, de ouvir a vontade de Deus. Mas olho para o que já percorri e os meus passos parecem-me curtos... É Deus que me diz “Pára”. Diz-me muitas vezes na minha oração e volta a dizer-me agora. Imaginando-me no cenário de Moisés, vejo a sarça a arder, acho curioso e belo, inspira-me nesse dia, mas sigo em frente, não dou tempo para pisar o “solo sagrado”... Há pouco tempo vi um

desenho humorístico desta passagem que representava Moisés muito preocupado a apagar o fogo da sarça! De facto, apagamos muitos dos sinais de Deus por não conseguimos ver o que o Pai nos quer dizer naquele momento. Sinais de Deus esses que não são tão notórios quanto o que chamou Moisés, mas tão concretos quanto a chama da sarça: são as circunstâncias da nossa vida e o que vamos sentindo. Quantas vezes afogamos os nossos sentimentos porque não paramos a perguntar “porquê?”, porque não queremos ir a fundo, porque a vida vai “correndo bem” assim... Por vezes só mais tarde nos apercebemos que as circunstâncias por que passámos e o que sentimos eram elas próprias sinais e respostas de Deus para a nossa vida.



A vocação de Moisés é libertar o povo que sofre. De facto somos confrontados com esta frágil existência todos os dias, desde sempre, de alguma forma: na nossa família, alguém que conhecemos ou pelas notícias. Ao presenciar este sofrimento existe naturalmente um sentimento de impotência. Choro ao ver o sofrimento dos outros, não sei se pela sua dor ou por me sentir totalmente impotente. Como reajo ao sofrimento que me rodeia à luz da fé? Pergunto agora o que ainda não consegui responder. Humanamente sei como reajo mas o que me diz a minha fé? Que esperança encontro nesta dor? Uma santo dos nossos dias dizia que foi depois de compreender o sofrimento que encontrou o Deus de Amor. Ainda como um jovem que questionava a sua fé e a existência de Deus, foi como voluntário para um hospital num cenário de guerra. Aí descobriu a sua vocação e decidiu consagrar-se.

Vejo o sofrimento (ou os sentimentos que se desencadeiam) como uma forma de tentação. Foi para Jesus na Cruz e acredito que o seja para todos nós. “Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados acima das vossa forças. (...) Juntamente com a tentação, Ele também vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar” diz S. Paulo na Carta ao Coríntios deste Domingo. É difícil acreditar nisso quando somos confrontados com situações tão

desesperantes. Aí fica a nú a fragilidade da existência humana. O Deus de Amor que conhecemos nada tem a ver com o Deus chantagista que castiga os pecadores, é este o anúncio em Lc 13. Este não é certamente o Deus em que acreditamos, mas face à tragédia que, em particular, acontece a pessoas em que reconheço uma grande fé, fico ainda mais chocado e pergunto “porquê ele...”. Só a fé pode dar respostas de vida onde aparentemente não a há. Só a fé tem a capacidade de me transformar, de me converter, num processo contínuo de avanços e recuos no mesmo caminho que Moisés percorreu.

No meu caminho de oração rezo aquilo que vou vivendo mas não a minha Vida. “Estou aqui, o que queres para mim?”. Deus tinha um desígnio grande para Moisés; para mim, para cada um, tem outro diferente mas igualmente grande. Se na minha oração só continuar a rezar as emoções do meu dia, nunca vou a fundo. É preciso uma oração mais profunda, mais estruturante para a vida, uma oração que dê sentido à nossa frágil existência.

Eu sou o protagonista da minha vida mas não tenho que teimar em ter eu as rédeas. Quero crescer em oração, comunhão e fé, para continuamente e de uma forma inteiramente livre e disponível deixar nas mãos de Deus as rédeas da minha vida.

“Deus chamou-o do meio da sarça:  
«Moisés! Moisés!» Ele disse: «Eis-me  
aqui!»



Ele disse: «Não te aproximes daqui;  
tira as tuas sandálias dos pés, porque  
o lugar em que estás é uma terra  
santa.»”

Ex 3, 4-5

# “Saboreai e vede como o Senhor é bom; Feliz o homem que nele confia! (Sal 33, 7)

4º Domingo de Quaresma

Jos 5, 9a.10-12; Sal 33, 2-7  
2 Cor 5, 17-21; Lc 15, 1-3.11-32

Deus quer que eu seja feliz e desfrute na Sua casa da Sua presença, da Sua Palavra, da Sua paz e do Seu Pão. É isto que Ele nos diz nas leituras deste IV Domingo da Quaresma.

Mas eu, seduzido por (...) saio da Sua casa e vou-me embora... Ou fico na casa, mas sem vontade e sem me aperceber de tudo o que está à minha volta para o desfrutar como filho querido... Assim aconteceu com os dois filhos da parábola (Lc 15)

*O senhor chama-me, como ao filho pródigo para eu voltar.... Ou como ao filho mais velho para O reconhecer. Duma maneira ou outra, chama-me a me converter à Sua misericórdia, ao Seu abraço!: “Quando ainda estava longe, o pai viu-o, enchendo-se de compaixão correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos” (Lc 15, 20)*

Voltar a Deus, reconhecê-lo em toda a nossa existência, traz um novo “sabor” à vida. Tudo o que vivemos tem um sabor diferente quando nos apercebemos da presença amorosa de Deus. Deus é bom e é por isso que traz confiança para o nosso coração, por vezes tão cansado da fadiga da própria situação vital. O seu amor por nós manifesta-se na bondade e na misericórdia que faz cair sobre nós, como a neve, até nos cobrir totalmente.

*Oxalá que nós saibamos alimentarmos da bondade e da misericórdia, como fez o povo de Israel: “Naquele*

*ano, alimentaram-se dos produtos da terra de Caná” (Jos 5,12). O povo de Israel, ao entrar na terra prometida, alimentava-se dos seus bons frutos. Nós vivemos já nessa terra porque Jesus, o seu Espírito, está vivo. Podemos ficar atraídos por muitas coisas, mas o que verdadeiramente satisfaz a vida, e traz a paz ao mundo é o fruto dum amor que sabe perdoar e sempre mostrar bondade!*

Viver na casa do Pai, viver nesta terra como a nossa casa, na presença do Pai e dos irmãos, é sentirmo-nos livres, filhos amados e felizes, irmãos e amigos uns dos outros, construindo juntos uma casa comum, partilhando o que temos e recebendo de Deus e dos outros o que nos falta.

*Diz S. Paulo que “se alguém está em Cristo, é uma nova criação. O que era antigo passou; eis que surgiram coisas novas” (2 Cor 5, 17). É verdadeiramente novo saber viver a vida com “sabor” porque experimentamos a bondade e a misericórdia de Deus conosco, porque sentimo-nos “cobertos de beijos” até quando somos maus filhos e irmãos. É também novo que todos nós possamos dar frutos de bondade e misericórdia ao nosso mundo que tanto precisa de conhecer o verdadeiro amor.*

*Jesus continua a dizer-nos: “Eu vos escolhi e vos destinei a ir e a dar fruto, e fruto que permaneça” (Jn 15, 16)*



1. De que maneira sinto a chamada de Deus a ser feliz, e quais são as coisas que me seduzem e me desviam?
2. Reparo como o Senhor está a dar-me a sua bondade e a sua misericórdia nos acontecimentos do meu dia a dia?
3. Sinto-me saciado ou insatisfeito? Porquê?
4. Em que situações concretas sinto-me chamado a dar o fruto da bondade e da misericórdia?

## ORAÇÃO DA MANHÃ

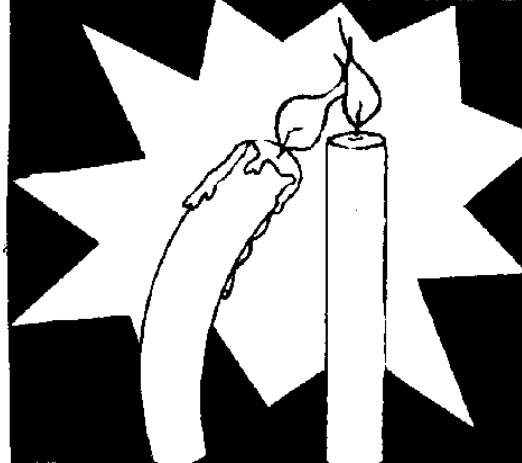
Senhor,  
no silêncio deste dia que amanhece  
venho pedir-te a paz,  
a sabedoria, a força.

Quero olhar hoje o mundo,  
com olhos cheios de amor,  
ser paciente, compreensivo,  
manso e prudente.

Ver para além das aparências teus filhos  
como Tu mesmo os vês.  
E, assim não ver senão  
o bem em cada um.

Fecha os meus ouvidos a toda a calúnia.  
Guarda a minha língua  
de toda a maldade.  
Que só de bênçãos se encha o meu espírito.  
Que eu seja tão bondoso e alegre  
que todos quantos se aproximarem de mim  
sintam a Tua presença.

Reveste-me da Tua beleza, Senhor,  
e que, no decurso deste dia,  
eu Te revele a todos.



# Crer em Deus e na Humanidade

## 5º Domingo de Quaresma

Is 43, 16-21;  
Filp 3, 8-14; Jo 8, 1-11

**Mais uma Páscoa que se aproxima, mais uma oportunidade de repensarmos a nossa vida.**

**De facto o Senhor dá-nos tantos momentos para mudarmos o que está mal ou menos bem no nosso dia a dia. Aproveitamos estes momentos, ou fica tudo na mesma?**

**O Senhor escolheu-nos, deu-nos talentos e faz-nos muitas propostas para darmos fruto. Será que os damos ou enterramos os talentos e não damos fruto?**

**No Evangelho Jesus fala-nos da hipocrisia, da justiça, faz-nos olhar para dentro de nós. Os tempos mudaram, as pessoas regem-se por outros valores, mas apesar de tudo, esta leitura continua actual.**

**“Quem de vós estiver sem pecado seja o primeiro a lançar-lhe uma pedra”.**

**Que me diz este Evangelho a mim? Como é que eu me comporto com os outros?**

---

Pegando nas leituras a começar por Isaías chama-me a atenção esta frase “vou abrir um caminho no deserto”. Nos dias de hoje como precisamos de acreditar, de ter esperança que o Senhor abre um caminho no deserto. Tanta gente que anda no deserto por muitas razões. Jovens sem emprego, na droga, na prostituição, adultos com idade mais avançada que ficaram sem trabalho, famílias desfeitas, doenças graves e tantos outros desertos aqui no mundo em que nos movemos... Mas de que deserto falava o Senhor? Quais os desertos que tenho à minha volta e em mim?

E será que eu não posso fazer correr rios na terra árida? Será que quero fazê-lo ou aquilo não é comigo e passo ao lado? É muito mais cómodo estar no quentinho da minha casa, e não me envolver com os que precisam de mim. E os frutos que o Senhor me pede?

Mas o Senhor apesar das nossas dificuldades, não desiste de nós, Ele quer que tenhamos confiança e uma verdadeira alegria, é o que nos diz o salmo.

É nossa obrigação viver essa alegria na comunhão com os outros.

Na segunda leitura S. Paulo diz: “Por Ele tudo desprezei a fim de ganhar Cristo”

Isto faz-me ver a minha pequenez na fé, o meu egoísmo a minha falta de confiança no Senhor, porque às vezes preciso renunciar a tão pouco e mesmo assim é difícil.

Mas outra frase de S. Paulo me chama a atenção: “Não que eu já tenha alcançado a meta ou que já seja perfeito mas prossigo a minha carreira” e é isto que me proponho fazer nesta Quaresma prosseguir a carreira para ver se de algum modo a poderei alcançar. Este é o desafio que acho que o senhor me põe cada dia da minha vida - prosseguir a carreira, não baixar os braços. Sinto que nas coisas concretas do meu dia a dia o Senhor me tem dado essa oportunidade, de ir percebendo os meus desertos e os dos outros e ir tentando prosseguir o caminho.

Também a situação da mulher adúltera de que nos fala o Evangelho me interpela de muitas formas. Quantas vezes me dou conta que tal como os escribas e os fariseus também julgo e também armo ciladas? Tu que até

defendes determinados princípios que dizes a isto? Uma coisa é o que achamos que deve ser feito outra é o que conseguimos fazer.

Julgamos muito pelas aparências, muitas vezes por aquilo que ouvimos dizer.

Cada vez que leio este texto me apercebo mais que tenho muito que

aprender, que não posso julgar ninguém.

Nesta Quaresma o desafio que me é posto é que tenho que rezar mais e, com as minhas limitações, amar mais os outros como eles são, não como eu queria que fosse. Talvez sejam estes os frutos que o senhor me pede neste tempo de Quaresma...



Eu acho a vida bela e sinto-me livre. Os céus dentro de mim são tão vastos como os que estão por cima de mim. Creio em Deus e creio na humanidade e aos poucos vou-me atrevendo a dizê-lo sem falsa vergonha.

Etty Hillesum, in Diário

## **2ª Parte**

# **Semana Santa**

## Chamados à Vida!

Diz o Papa Bento XVI na sua mensagem para esta Quaresma “Aquilo de que o homem mais precisa não lhe pode ser garantido por lei. Para gozar de uma existência em plenitude, precisa de algo mais íntimo que lhe pode ser concedido somente gratuitamente: poderíamos dizer que o homem vive daquele amor que só Deus lhe pode comunicar, tendo-o criado à sua imagem e semelhança”.

É isto que a Semana Santa nos oferece, a possibilidade de encontro com Deus na Sua plenitude, com o Seu amor que se manifesta na Paixão de Jesus em toda a Sua grandiosidade – aquilo que mais precisamos. São muitos os momentos que a Igreja nos proporciona para que possamos recordar e reviver os momentos fortes da Semana Santa, mas é no diálogo a sós com Deus, na intimidade que temos de encontrar o Seu amor e as razões para amarmos assim o Mundo e todos os que nele vivem.

Será que estou de facto disponível para viver este que é o tempo mais forte da vida cristã e dar tempo e espaço a Deus para que Ele me comunique o Seu amor e para que eu me deixe transformar por Ele? Não chega olhar para a história de Jesus como quem vê um filme, como um espectador... Não chega cumprir os rituais e tradições. Não chegam as amêndoas e os chocolates e até os encontros de família... Estou realmente disposto a deixar-me interpelar por Ele, pelas Suas Palavras, pelo Seu silêncio, pelas Suas opções e os Seus gestos e deixar que esta Páscoa marque um antes e um depois na minha relação comigo, com Deus e os outros?

O Mundo precisa de pessoas comprometidas com o Amor, pessoas disponíveis para colocar os seus dons materiais, intelectuais e espirituais ao serviço! Mas esta atitude de abertura e partilha não se improvisa... “Ponho diante de ti a vida e o bem, a morte e o mal (...) portanto, escolhe a vida” (Dt 30, 15-20). O Mundo precisa que cada um, a cada dia renove esta opção de escolher a vida e não uma vida qualquer, mas uma vida Abundante que nasce da relação com um Deus que é Amor e tira de nós o melhor que temos. Diz-nos Etty no seu “Diário: “com o que resta dos mortos, que vive eternamente, continuarei a viver a minha vida, e hei-de despertar para a vida aquilo que está morto dentro dos vivos; e desse modo não haverá senão vida, uma grande vida, meu Deus”. Aceito o desafio?



## Mensagem de Bento XVI para a Quaresma 2010

A justiça de Deus está manifestada mediante a fé em Jesus Cristo (cfr Rom 3, 21-22)

Queridos irmãos e irmãs,

Todos os anos, por ocasião da Quaresma, a Igreja convida-nos a uma revisão sincera da nossa vida à luz dos ensinamentos evangélicos. Este ano desejaria propor-vos algumas reflexões sobre o tema vasto da justiça, partindo da afirmação Paulina: A justiça de Deus está manifestada mediante a fé em Jesus Cristo (cfr Rom 3,21–22).

*Justiça: “dare cuique suum”*

Detenho-me em primeiro lugar sobre o significado da palavra “justiça” que na linguagem comum implica “dar a cada um o que é seu – dare cuique suum”, segundo a conhecida expressão de Ulpiano, jurista romano do século III. Porém, na realidade, tal definição clássica não precisa em que é que consiste aquele “suo” que se deve assegurar a cada um. Aquilo de que o homem mais precisa não lhe pode ser garantido por lei. Para gozar de uma existência em plenitude, precisa de algo mais íntimo que lhe pode ser concedido somente gratuitamente: poderíamos dizer que o homem vive daquele amor que só Deus lhe pode comunicar, tendo-o criado à sua imagem e semelhança. São certamente úteis e necessários os bens materiais – no fim de contas o próprio Jesus se preocupou com a cura dos doentes, em matar a fome das multidões que o seguiam e certamente condena a indiferença que também hoje condena à morte centenas de milhões de seres humanos por falta de alimentos, de água e de medicamentos -, mas a justiça distributiva não restitui ao ser humano todo o “suo” que lhe é devido. Mais do que o pão ele de facto precisa de Deus. Nota Santo Agostinho: se “a justiça é a virtude que distribui a cada um o que é seu... não é justiça do homem aquela que subtrai o homem ao verdadeiro Deus” (De civitate Dei, XIX, 21).

*De onde vem a injustiça?*

O evangelista Marcos refere as seguintes palavras de Jesus, que se inserem no debate de então acerca do que é puro e impuro: “Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa tornar impuro. Mas o que sai do homem, isso é que o torna impuro. Porque é do interior do coração dos homens, que saem os maus pensamentos” (Mc 7,14-15.20-21). Para além da questão imediata relativa ao alimento, podemos entrever nas reacções dos fariseus uma tentação permanente do homem: individuar a origem do mal numa causa exterior. Muitas das ideologias modernas, a bem ver, têm este pressuposto: visto que a injustiça vem “de fora”, para que reine a justiça é suficiente remover as causas externas que impedem a sua actuação: Esta maneira de pensar - admoesta Jesus – é ingénua e míope. A injustiça, fruto do mal, não tem raízes exclusivamente externas; tem origem no coração do homem, onde se encontram os germes de uma misteriosa convivência com o mal. Reconhece-o com amargura o Salmista: “Eis que eu nasci na culpa, e a minha mãe concebeu-se no pecado” (Sl 51,7). Sim, o homem torna-se frágil por um impulso profundo, que o mortifica na capacidade de entrar em comunhão com o outro. Aberto por natureza ao fluxo livre da partilha, adverte dentro de si uma força de gravidade estranha que o leva a dobrar-se sobre si mesmo, a afirmar-se acima e contra os outros: é o egoísmo, consequência do pecado original. Adão e Eva, seduzidos pela mentira de Satanás, colhendo o fruto misterioso contra a vontade divina, substituíram à lógica de confiar no Amor aquela da suspeita e da competição;



à lógica do receber, da espera confiante do Outro, aquela ansiosa do agarrar, do fazer sozinho (cfr Gn 3,1-6) experimentando como resultado uma sensação de inquietação e de incerteza. Como pode o homem libertar-se deste impulso egoísta e abrir-se ao amor?

### *Justiça e Sedaqah*

No coração da sabedoria de Israel encontramos um laço profundo entre fé em Deus que “levanta do pó o indigente (Sl 113,7) e justiça em relação ao próximo. A própria palavra com a qual em hebraico se indica a virtude da justiça, *sedaqah*, exprime-o bem. De facto *sedaqah* significa, de um lado a aceitação plena da vontade do Deus de Israel; do outro, equidade em relação ao próximo (cfr Ex 29,12-17), de maneira especial ao pobre, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva (cfr Dt 10,18-19). Mas os dois significados estão ligados, porque o dar ao pobre, para o israelita nada mais é senão a retribuição que se deve a Deus, que teve piedade da miséria do seu povo. Não é por acaso que o dom das tábuas da Lei a Moisés, no monte Sinai, se verifica depois da passagem do Mar Vermelho. Isto é, a escuta da Lei, pressupõe a fé no Deus que foi o primeiro a ouvir o lamento do seu povo e desceu para o libertar do poder do Egipto (cfr Ex s,8). Deus está atento ao grito do pobre e em resposta pede para ser ouvido: pede justiça para o pobre (cfr Ecli 4,4-5.8-9), o estrangeiro (cfr Ex 22,20), o escravo (cfr Dt 15,12-18). Para entrar na justiça é portanto necessário sair daquela ilusão de auto-suficiência, daquele estado profundo de fecho, que é a própria origem da injustiça. Por outras palavras, é necessário um “êxodo” mais profundo do que aquele que Deus efectuou com Moisés, uma libertação do coração, que a palavra da Lei, sozinha, é impotente para a realizar. Existe portanto para o homem esperança de justiça?

### *Cristo, justiça de Deus*

O anúncio cristão responde positivamente à sede de justiça do homem, como afirma o apóstolo Paulo na Carta aos Romanos: “ Mas agora, é sem a lei que está manifestada a justiça de Deus... mediante a fé em Jesus Cristo, para todos os crentes. De facto não há distinção, porque todos pecaram e estão privados da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente pela Sua graça, por meio da redenção que se realiza em Jesus Cristo, que Deus apresentou como vítima de propiciação pelo Seu próprio sangue, mediante a fé” (3,21-25)

Qual é portanto a justiça de Cristo? É antes de mais a justiça que vem da graça, onde não é o homem que repara, que cura si mesmo e os outros. O facto de que a “expição” se verifique no “sangue” de Jesus significa que não são os sacrifícios do homem a libertá-lo do peso das suas culpas, mas o gesto do amor de Deus que se abre até ao extremo, até fazer passar em si “ a maldição” que toca ao homem, para lhe transmitir em troca a “bênção” que toca a Deus (cfr Gal 3,13-14). Mas isto levanta imediatamente uma objecção: que justiça existe lá, onde o justo morre pelo culpado e o culpado recebe em troca a bênção que toca ao justo? Desta maneira, cada um não recebe o contrário do que é “seu”? Na realidade, aqui manifesta-se a justiça divina, profundamente diferente da justiça humana. Deus pagou por nós no seu Filho o preço do resgate, um preço verdadeiramente exorbitante. Perante a justiça da Cruz o homem pode revoltar-se, porque ele põe em evidência que o homem não é um ser autárquico, mas precisa de um Outro para ser plenamente si mesmo. Converter-se a Cristo, acreditar no Evangelho, no fundo significa precisamente isto: sair da ilusão da auto-suficiência para descobrir e aceitar a própria indigência – indigência dos outros e de Deus, exigência do seu perdão e da sua amizade.

Compreende-se então como a fé não é um facto natural, cómodo, óbvio: é necessário humildade para aceitar que se precisa que um Outro me liberte do “meu”,

para me dar gratuitamente o “seu”. Isto acontece particularmente nos sacramentos da Penitência e da Eucaristia. Graças à acção de Cristo, nós podemos entrar na justiça “ maior”, que é a do amor (cfr Rom 13,8-10), a justiça de quem se sente em todo o caso sempre mais devedor do que credor, porque recebeu mais do que aquilo que poderia esperar.

Precisamente fortalecido por esta experiência, o cristão é levado a contribuir para a formação de sociedades justas, onde todos recebem o necessário para viver segundo a própria dignidade de homem e onde a justiça é vivificada pelo amor.

Queridos irmãos e irmãs, a Quaresma culmina no Tríduo Pascal, no qual também este ano celebraremos a justiça divina, que é plenitude de caridade, de dom, de salvação. Que este tempo penitencial seja para cada cristão tempo de autêntica conversão e de conhecimento intenso do mistério de Cristo, que veio para realizar a justiça. Com estes sentimentos, a todos concedo de coração, a Bênção Apostólica.

Vaticano, 30 de Outubro de 2009  
BENEDICTUS PP. XVI

# Os nossos muitos porquês

## Domingo de Ramos

Isaías 50, 4-7; Salmo 21(22);  
Filipenses 2, 6-11; Lucas 23, 1-49 (ou 22, 14-23, 56)

**Olhando a Paixão de Jesus, muitas vezes me perguntei (e Lhe perguntei): porquê?... Diante dos sofrimentos a que assistimos todos os dias ou face aos nossos próprios sofrimentos, também perguntamos, certamente: porquê?...**

**Podemos procurar culpados, podemos pôr as culpas em Deus... Ou podemos dialogar estas coisas com Ele. E isso faz toda a diferença!**

**Quem, como Jesus, para nos ensinar a enfrentar e a viver o sofrimento?... No meio do sofrimento, não quis saber as causas, não questionou, não fugiu. Pediu perdão para os que o matavam e prometeu o Paraíso a quem confiou n'Ele.**

**E eu: diante da dor, minha ou alheia, o que faço, como vivo? Revolto-me contra Deus ou entrego-me a Ele?**

---

Ao ler o evangelho deste Domingo, como todas as outras passagens da Paixão de Jesus, muitas vezes me perguntei (e Lhe perguntei): porquê?... Porquê tanta injustiça e tanto escárnio? Porquê tanta violência, tanta humilhação, tanto ódio? Porquê tanta cobardia, tanto medo?... E, ao mesmo tempo, porquê tanto silêncio, tanta paciência, tanta coragem, tanto amor?...

Diante dos sofrimentos a que assistimos todos os dias, face aos nossos próprios sofrimentos, perante a dor daqueles que amamos, também perguntamos, certamente: porquê?...

E quando aqueles que não têm fé, nos põem a questão, ficamos muito atrapalhados...

Não há respostas. Não há respostas perante catástrofes naturais ou acidentes; não há respostas para doenças incuráveis, nem para crianças ou idosos maltratados, nem para gente que não tem tecto nem pão, nem para

quem está preso injustamente ou para quem vive oprimido, humilhado ou sozinho. Não há respostas para as guerras e para tudo o que elas provocam. Podemos procurar encontrar culpados, podemos pôr as culpas em Deus, dizendo que Ele que permite o sofrimento e que não faz nada...

Ou podemos dialogar estas coisas com Ele. Talvez não cheguemos nunca a compreender, talvez não encontremos nunca as respostas que pretendíamos, talvez fiquemos com um eterno “porquê?”. Mas aprendemos a ver os acontecimentos e as situações com os olhos d'Ele. E isso faz toda a diferença!

Quem, como Jesus, para nos ensinar a enfrentar e a viver o sofrimento?... Basta lermos o evangelho de hoje para vermos que Ele é um mestre nessa área! Tal como os discípulos foram aprendendo com Ele o que era viver, estar atento aos outros, servir, amar,

rezar, assim aprenderam com certeza o que é sofrer, morrer, entregar-se nas mãos do Pai.

E aprenderam, porquê? Porque estavam junto d'Ele. Porque estiveram com Ele, quando Ele pregou às multidões e quando fez milagres, quando andava pelas aldeias e quando subiu a Jerusalém. A Bíblia fala-nos em particular da fidelidade de um, que ficou junto à cruz, até ao fim: João, “o que Jesus amava”, o seu amigo mais íntimo, aquele que, nesse momento último, Ele confiou à Mãe e a quem entregou a Mãe.

A primeira leitura, de Isaías, fala precisamente disto que é ser discípulo.

Três aspectos me parecem relevantes:

- ser discípulo é uma graça;
- o discípulo é aquele que ouve;
- o discípulo é aquele que fala acerca do que ouviu.

Vejamos o texto, que começa assim: “*O Senhor deu-me a graça...*” – esta proximidade com Deus é, de facto, um dom precioso do qual somos pouco agradecidos e do qual, às vezes, desfrutamos pouco...

Com os apóstolos, é Jesus quem toma a iniciativa de os chamar “*para estar com Ele e para os enviar*” (Marcos 3, 14); connosco, Ele faz o mesmo: convida-nos a estar com Ele e desafia-nos, enviando-nos a anunciar, lá onde estamos; chama-nos, para aprender, e manda-nos ensinar – como discípulos fieis. “*Cada manhã desperta os meus ouvidos, para que eu aprenda*”; e se perguntarmos a que é que Ele nos envia, também encontramos a resposta: “*saber amparar com uma palavra os que andam desanimados*”.

Nós, que tantas vezes perguntamos o que podemos fazer pelos outros e como podemos diminuir o seu

sofrimento, temos aqui um esclarecimento sobre a nossa missão: se não posso, pelo menos directamente, minimizar a dor dos que vivem os horrores da guerra no Médio Oriente, da fome em África ou na Ásia, das intempéries um pouco por todo o mundo, posso, certamente, sorrir à pessoa que se senta ao meu lado no autocarro ou à que me atende no supermercado, conversar com um colega que me pareça mais triste ou cansado, telefonar a alguém que esteja só. Há tantas pequenas coisas, fáceis de dar, que são grandes, enormes, para quem recebe! A proximidade com Deus faz-nos, necessariamente, próximos dos outros.

Estar com alguém supõe ouvir essa pessoa; estar com Deus implica uma escuta atenta daquilo que Ele nos quer dizer e daquilo que Ele quer dizer a outros, através de nós. E escutar e obedecer são palavras que andam ligadas: “**obedecer**” (*obaudire*) significa exactamente “escutar”. É comum atribuir ao conceito de obediência, um significado relacionado com submissão, algo ligado à perda de liberdade e de autonomia, que são tão importantes para o homem de hoje... Mas, de facto, a raiz da palavra remete-nos, antes, para alguma coisa a que também estamos pouco habituados: estarmos atentos ao que ouvimos e reflectirmos sobre isso.

Jesus também nos ensina o que é a obediência: na carta aos Filipenses, Paulo diz-nos que Ele se aniquilou a Si mesmo, “*assumindo a condição de servo:(...) tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz*”.

Ao rezar, agora, este texto de Lucas, detive-me muito neste aspecto de que

Jesus, no meio do sofrimento, não quis saber as causas, não questionou, não fugiu. Ouviu a multidão gritar “*Crucifica-o! Crucifica-o!*”, foi chicoteado, percorreu penosamente o caminho do Calvário, suportou o peso do madeiro, caiu, sangrou, foi pregado na cruz... e, depois de tudo isto, pede ao Pai: “*Perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.*”! Como é possível viver um amor assim?...

Porque estava muito com o Pai, porque O escutava, porque rezava, Jesus foi obediente: viveu aquilo que ouviu do Pai. E por ter percebido qual era a vontade do Pai, por ter vivido como o Pai Lhe pedia que vivesse, por ser próximo de todos – principalmente dos que mais sofriam, dos que eram pobres e desprezados, dos deficientes, dos pecadores... – por tudo isso, Ele chegou à cruz! Foi condenado, estando inocente, e sofreu a morte mais dolorosa e mais humilhante, aquela que, naquele tempo, era dada aos ladrões e aos assassinos.

De resto, conta-nos o evangelho, Jesus foi precisamente crucificado entre dois criminosos, dois homens que tiveram duas reacções diferentes perante o sofrimento: um insultava Jesus e desafiava-O; outro confiou-se a Ele – “*Lembra-Te de mim...*”.

E eu: diante da dor, minha ou alheia, o que faço, como vivo? Revolto-me contra Deus ou confio Nele? Deus não quer a nossa dor! Deus sofre – se assim se pode dizer – por nos ver

sofrer. Mas não nos abandona no sofrimento, como não abandonou Jesus, apesar das aparências.

Àqueles dois ladrões que O ladeavam – que eram, naquele momento, aqueles que Lhe eram mais próximos – Jesus não respondeu aos insultos do rebelde, mas tranquilizou o que confiou n'Ele: “*Hoje mesmo estará Comigo no Paraíso!*”. Numa situação de dor, não é importante discutir nem procurar razões; é preciso “*amparar com uma palavra*” quem sofre, mesmo que nós também estejamos a sofrer.

Esta frase de Jesus tem sido para mim um grande desafio: até que ponto eu partilho com os outros o Paraíso que vivo com Deus? Como os levo até lá? Ou acho que este Paraíso é só para alguns? O dom de ser discípulo não me leva a mostrar a outros o Paraíso?... Entre as cruzes dos homens de hoje e, concretamente, dos que me estão mais próximos, ofereço o Paraíso ou fico, como alguns que estavam no Gólgota, olhando à distância?...



## Jesus não disse...

Jesus não disse: “Esta mulher é leviana, fácil, tonta e está marcada pelo atavismo moral e religioso do seu meio.”; pede-lhe água e conversa com ela (Jo 4, 1-42).

Jesus não disse: “Aquela que tocou no meu manto não passa de uma louca.”; escuta-a, fala-lhe e cura-a (Lc 8, 43-48).

Jesus não disse: “Estas crianças são apenas uns miúdos!”; disse “Deixem-nas vir a Mim e procurem ser semelhantes a elas.” (Mt 19, 13-15).

Jesus não disse: “Este homem é um funcionário corrupto”; senta-se com ele à mesa e garante-lhe que, nesse dia, entrou a salvação em sua casa (Lc 19, 1-10).

Jesus não disse: “És um centurião, és um ocupante prepotente!”; elogiou-o, referindo “Nunca encontrei em Israel uma fé tão grande!” (Lc 7, 1-10)

Jesus não disse: “Este tipo é um bandido!”; prometeu-lhe: “Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso!” (Lc 23, 39-43).

Jesus não disse: “Judas, não passas de um traidor!”; beijou-o e chamou-lhe amigo.(Mt, 26, 50).

Jesus não disse: “Pedro, és um fanfarrão!”; perguntou-lhe “Tu amas-Me?” (Jo 21, 19).

Jesus não disse: “Estes sumo sacerdotes são juízes iníquos, este rei é um fantoche, este governador romano é um covarde, estes soldados que me maltratam são uns brutos, esta gentinha que me despreza, vai ver o que lhe acontece!...”; olhou-os com coragem e com misericórdia e disse “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.” (Lc 23, 34).

Cardeal Albert Decourtray (1923-1994)  
citado por Michel Quesnel in *Jesus, o homem e o filho de Deus*

# Amar sem medidas

## Quinta-feira Santa

Ex 12, 1-8.11-14; Sl 115  
1Cor 11, 23-26; Jo 13, 1-15

**A Última Ceia é talvez a noite mais intensa da vida de Jesus e dos seus discípulos retratada no Evangelho, que antecede a Sua Paixão. Nessa noite Jesus institui a Eucaristia, alimento da nossa vida, e mostra-nos o verdadeiro sentido da Sua vida: o serviço e entrega aos outros. A lógica de Jesus não é fácil de compreender, Ele próprio o diz “O que estou a fazer não podes compreender agora”. Mesmo para nós, que conhecemos já todos os passos da Paixão de Cristo que se sucederam, esta lógica continua a ser difícil de integrar na nossa vida.**

**Jesus, fala-me ao mais profundo de mim. Que testemunho me deixas hoje?**

---

Senhor, Tu mostras-nos com atitudes assertivas o verdadeiro sentido de toda a existência humana. O Teu gesto é entrega, é amor extremo, foi ensinamento para os discípulos que viviam contigo a última Ceia e continua a sê-lo para nós, todos os dias. Mas lido e rezado tantas vezes, este acto continua a ser tão incompreensível aos meus olhos humanos. Sinto-me ainda longe dessa medida de entrega...

Esta passagem já me falou de várias perspectivas e todos os anos o nosso Deus criativo e criador interpela-me de uma forma diferente. É Ele que sabe verdadeiramente o que precisamos a cada momento.

Nesta oração percebi que relativizo muito a “medida de mim” que dou aos outros. A uns posso entregar-me mais, a outros dou-me pelo mínimo. Um jogo constante, umas vezes consciente outras nem tanto, que faz balizar as relações com as pessoas à minha volta. Depende do que representam para mim e do que espero dessas pessoas, naturalmente não em termos materiais, mas na medida da amizade e amor que possam devolver. Sou em geral uma pessoa de brandos sentimentos, mas há raros momentos na vida em que me apaixono quase obsessivamente por algumas pessoas que admiro e com quem crio muita

empatia, quero vivê-las intensamente e ir a fundo na amizade. Jesus faz-me questionar esta precipitação, esta medida desigual de entrega. Jesus lavou os pés dos discípulos, um a um, e como homem teria concerteza mais empatia com uns do que com outros, mas a sua medida era igual para todos: mesmo para Judas Iscariotes que o ia entregar ou com discípulos que o iam negar pouco mais tarde para não sofrerem consequências. Jesus via em cada um dos discípulos, e vê em cada um e nós, um templo sagrado. Todos são irmãos e amigos, iguais aos seus olhos, servos e senhores, mensageiros e aquele que os enviou; a todos nos dotou a mesma capacidade de servir os outros, de amar e de se fazer UM com Ele, e a mesma capacidade para pôr tudo isto em prática (“sereis felizes se o puserdes em prática”). Esta é a verdadeira medida de entrega ao outro e todos são merecedores desse esforço. Este acto interpela-nos a uma radicalidade que é só passível de ser vivida a partir da fé. Com esta passagem questiono agora não porque me entrego demais a algumas pessoas mas porque não me entrego com essa mesma intensidade a todas? Os meus pais que vão envelhecendo precisam dessa intensidade, a minha colega no trabalho para quem estou sempre sem

paciência também precisará, os meus amigos “garantidos” gostariam de ter mais de mim. A Comunidade também precisa certamente de uma maior entrega. É preciso rezar as pessoas, as relações, integrá-las na minha oração neste triângulo de Serviço, Amor e Entrega. Rezo por mim, para mim, mas esqueço-me de rezar Jesus que se materializa no Outro. E é por aí que passa a nossa vocação mais profunda porque nessa noite Jesus mostrou-nos que somos chamados a servir antes de qualquer outra coisa. Todos os chamamentos de Deus passam pelo Outro; sozinho não construo, não vivo, não recebo e não dou.

É nesta mesma noite, talvez a mais intensa que o Evangelho nos retrata, que Jesus nos deixa outra mensagem que recordamos de forma sagrada todos os dias: a Eucaristia. Jesus prepara-se para partir e deixa-nos a memória permanente da sua morte como Dom da Vida para todos. É nesta transformação do pão e do vinho que vivemos Jesus Vivo em nós, entre nós. É a celebração Eucarística que nos aproxima e mantém perto deste Deus de Amor. É nesse acto que nos alimenta durante o ano, que reatamos continuamente a comunhão com o Pai.





Ao abrir o Evangelho, cada um pode dizer para si mesmo: estas palavras de Jesus são um pouco como uma carta muito antiga, que me foi escrita numa língua desconhecida; mas, como foi escrita por alguém que me ama, vou procurar compreender o seu sentido e vou desde logo tentar pôr em prática, na minha vida, o pouco que descobri...

No início, não importam os grandes conhecimentos. Claro que eles têm um grande valor. Mas é através do coração, nas profundezas de si mesmo, que o ser humano começa a descobrir o Mistério da Fé. Os conhecimentos virão a seguir. Não é tudo adquirido de uma só vez. Uma vida interior elabora-se passo a passo. Hoje, mais do que nunca, penetramos na fé avançando por etapas.

No mais profundo da condição humana repousa a espera de uma presença, o desejo silencioso de uma comunhão. Nunca esqueçamos: este simples desejo de Deus é já o começo da fé.

Além disso, ninguém consegue compreender sozinho todo o Evangelho. Todos podem dizer para si mesmos: nesta comunhão única que é a Igreja, o que eu não compreendo acerca da fé outros compreendem e vivem. Não me apoio apenas sobre a minha fé, mas sobre a fé dos cristãos de todos os tempos, os que me precederam, desde a Virgem Maria e os apóstolos até aos cristãos de hoje. E, dia após dia, disponho-me interiormente a confiar no Mistério da Fé.

Então compreende-se que a fé, a confiança em Deus, é uma realidade muito simples, tão simples que todos poderiam acolhê-la. É como um impulso, mil vezes sentido ao longo da nossa existência e até ao nosso último suspiro.

Irmão Roger, de Taizé

# Entregar a vida voluntariamente

## Sexta-Feira Santa

Is 52,13-53,12; Sl 30, 2.6.12-17.25  
Hb 4, 14-16, 5, 7-9; Jo 18, 1-19, 42

**A Sexta Feira Santa é um dia de profunda intensidade.**

**No ter medo de olhar para o Servo de lahweh e para a cruz, porque dá sentido às dificuldades da vida.**

**Qual deve ser o nosso sentimento neste dia: de revolta, de angústia, de agradecimento?**

---

Ler as leituras da Sexta Feira Santa e situar-nos perante a cruz é toda uma realidade. Mas para nós, homens e mulheres do século XXI que vivemos numa sociedade do bem-estar, olhar para a cruz não é fácil.

Para mim a cruz sem Cristo é um tormento horrível, produz-me revolta e angústia, mas vejo a cruz com Cristo como um grande acto de amor de Jesus para comigo e para com toda a humanidade. Nela ficam com sentido as nossas lutas e dores, as injustiças que passamos, é o Jesus solidário com os homens.

Dentro da Semana Santa, a cerimónia da Sexta Feira é aquela que eu vivo com profundo silêncio e com o desejo que não fique só numa presença, num acto.

Sinto Jesus na cruz, muito humano, muito igual a nós, é esse Servo de lahweh do qual nos fala Isaías na primeira leitura, mas é um servo que podemos identificar com muitas das situações que nós vivemos ou que vemos à nossa volta. Mesmo nestes dias passados no telejornal e nos jornais, havia fotos de irmãos nossos do Haiti que não dava vontade de olhar para eles tal era o seu rosto; roto pela dor ou pelas feridas. Mas também é o rosto da mãe que vê o seu filho destruir a vida no mundo do vício, ou... eu creio que cada um de nós pode pôr uma multidão de rostos que estão perto de nós. E eu hoje sinto a necessidade de convidar-me e convidar-vos a que olhemos

atentamente para estas realidades, sem medo, sem desejos de olhar para outro lado, olhar detidamente com atenção, ver nestas dores e sofrimentos o rosto do irmão que também é o rosto de Cristo, porque Cristo está hoje nos que sofrem, nos que choram e morre hoje nos que morrem. A paixão de Cristo continua.

Como dizia anteriormente, na liturgia deste dia, olho para a cruz, e faço-o com serenidade, com muita paz, e como todos também faço esse gesto de ternura a Jesus, ajoelho-me, toco com carinho os pés de Jesus e volto ao meu lugar, e nesses momentos só posso dizer: "Obrigada, sim! obrigada por seres um homem fiel à tua missão de amar o homem. Obrigada porque estando a viver num mundo de mentira Tu não deixaste de dizer a verdade. Obrigada porque estando numa sociedade de escravos Tu lutaste sempre pela liberdade. Obrigada, porque num mundo onde muitos eram desprezados e marginalizados Tu amaste todos. Obrigada porque me mostraste com a tua vida e com a tua morte qual é o caminho do amor e a fidelidade.

É por tudo isto que desde a cruz nos lembramos que o amor custa mas salva, que dizer a verdade liberta mas não é fácil e tem as suas consequências, como até, por vezes, sentirmo-nos rejeitados pelos amigos. Assim diz São Paulo na carta aos Hebreus 5, 8-10 o que Tu viveste: "**Apesar de ser Filho de Deus, aprendeu a obediência por**

***aquilo que sofreu, e tornou-se para todos o que Lhe obedecem fonte de salvação eterna”.***

Jesus, que a tua cruz, não seja para nós algo do passado, nem um adorno nas nossas casas e Igrejas, muito menos uma jóia que colocamos ao nosso peito, mas sim exemplo de amor até ao extremo que nos faz continuar

amando ao teu estilo, ainda que nos custe.

Obrigada Jesus porque não fugiste da cruz, obrigada porque quando no Calvário te pediam que fizesses o milagre de baixar da cruz, permaneceste para nos ensinares que entregar a vida voluntariamente é a maior prova de amor.



## **Meditação perante o povo crucificado**

Há no mundo muitos povos crucificados, para os quais o viver de cada dia é a cruz. O caminho da cruz até ao Gólgota continua a repetir-se, não acontece uma só vez mas sim centenas de vezes. Existe mas custa ver.

Ainda que se ignore, há paixão no mundo. Isto é importante para todo o ser humano e muito especificamente para aqueles que acreditam. A paixão do mundo dá realidade à paixão de Cristo e a paixão de Cristo dá sentido à paixão do mundo. Quando vemos Jesus na cruz, n'Ele estão milhões de seres humanos, quando nos ajoelhamos a beijar a cruz estamos beijando o rosto de milhões de crucificados.

O povo crucificado é hoje quem faz presente a paixão de Cristo, aquele que completa na sua carne o que falta à paixão de Cristo.

O povo crucificado é o novo servo de Iahweh, “É o homem de dores, esmagado pelo sofrimento”, essa é a condição normal do povo crucificado: fome, doença, frustração. Falta de trabalho e educação... “sem figura, sem rosto nem beleza”, e por isso: “diante do qual se tapa o rosto”.

Os povos crucificados são hoje este: “SERVO SOFREDOR DE IAHWEH”. O servo não é um produto da natureza, é um produto das nossas mãos.

A Semana Santa diz que há cruz, a de Cristo, que é a mais significativa para nós que acreditamos, mas a cruz é anterior a Ele e continua depois Dele. Cristo identificou-se com todas essas cruzes e por isso é preciso ler a cruz de Cristo a partir de todas essas cruzes da História.

Jon Sobrino

# Noite Mágica

## Vigília Pascal

As leituras da Vigília Pascal situam-nos numa noite mágica, noite de festa, de alegria, de aleluia, de luz, de água limpa, de vida, de ressurreição.

Sem querer, vem-me agora à mente muitos anos, muitas noites de ressurreição, muitas celebrações da Vigília Pascal, em diferentes países, em muitos contextos, com distintas pessoas, com culturas diversas.

Em todas uma fogueira, e em todas estamos às escuras, há silêncio, só o crepitar das chamas, e esse quentinho aconchegante, que favorece a vivência comunitária desta celebração, nos rostos iluminados com uma meia-luz há olhares de esperança, as trevas começam a iluminar-se e convertem-se em claridade, e todos, com ansiedade, procuramos essa luz, queremos ver a luz, não suportamos mais a escuridão, queremos sentir a vida porque não fomos criados para a morte.

Pouco a pouco, com lentidão, por detrás do Círio Pascal representando Cristo, luz verdadeira que ilumina tudo com a sua vida de ressuscitado, entramos na Igreja e como quem já não se pode calar por mais tempo, lançamo-nos todos a cantar e a pregar a maravilha que está a acontecer nessa noite: Cristo venceu a morte a qual já não tem a última palavra e queremos que todos os povos da terra saibam que Jesus está vivo entre nós.

Tenho sentido este pregão em várias línguas, em alguns lugares, de forma mais cerimoniosa, noutros com músicas e gestos alegres e espontâneos, mas em todos

experimentei uma alegria interior profunda que ninguém pode tirar.

As muitas leituras desta noite conduzem-nos por um caminho de libertação, passamos o nosso próprio Mar Vermelho que se abre perante nós cheio de possibilidades, depois de ter sofrido as escravidões do orgulho, da vaidade, da mentira, do trabalho, muitos são os nomes dos nossos faraós que nos atavam.

Chegamos à leitura de São Paulo aos Romanos onde nos assegura que se morremos com Cristo, com Ele vamos ressuscitar (Rom 6, 3-11). Obrigado Senhor por esta promessa porque sei que tu a cumpres sempre.

O Evangelho de Lucas tem umas expressões com as que fico arrepiada: **“as mulheres foram ao sepulcro e não acharam o corpo do Senhor... apareceram-lhes dois homens em trajas resplandecentes... e disseram-lhes: Porque buscais o Vivente entre os mortos? Não está aqui, ressuscitou.”** Sinto-me profundamente denunciada, porque por vezes procuro Jesus, procuro a vida, por caminhos equivocados, preciso de muitos momentos de tu a Tu com Deus, estar na sua presença, tempo de oração, de sacrário, de encontro com os irmãos, de vida comunitária, ali é onde Jesus está vivo para mim e para todos, e está-o sempre todos os dias do ano, a todas as horas do dia, todos os segundos das horas, e eu, fatigada, cansada, procurando não sei onde a presença do Deus vivo.

Para terminar gostaria de partilhar que essa noite (que dá sentido as muitas

noites escuras da vida) só culmina e cobre tudo com um profundo sentido de vida quando, com o nosso testemunho, a comunicamos e contagiamos aos outros que estão à nossa volta. Da abundância do coração fala a boca, por isso a

experiência que nos tem acontecido não pode ficar no silêncio, temos que o espalhar com a palavra e o testemunho de vida para que a ressurreição de Jesus dê muitos frutos de vida.



Um grande silêncio, reina hoje sobre a terra, um grande silêncio e uma grande solidão. Um grande silêncio porque o Rei dorme, a terra estremeceu e ficou silenciosa, porque Deus adormeceu segundo a carne e despertou os que dormiam há séculos. Deus morreu segundo a carne e acordou a região dos mortos.

Vai a procura de Adão, nosso primeiro pai, a ovelha perdida. Quer visitar os que jazem nas trevas e nas sombras da morte. Vai libertar Adão do cativo da morte.

Entrou o Salvador onde eles estavam, levando nas suas mãos a arma vitoriosa da cruz. Quando Adão o viu, batendo no peito cheio de admiração, exclamou para todos os demais “O meu Senhor esteja com todos”.

E Cristo respondeu a Adão “E com o teu espírito”.

E tomando-o pela mão levantou-o dizendo: “Desperta tu que dormes, levanta-te de entre os mortos e Cristo te iluminará... Eu te ordeno.

Desperta, tu que dormes, porque Eu não te criei para que permaneças cativo no reino dos mortos. Levanta-te de entre os mortos, Eu sou a vida dos mortos. Levanta-te, obra das minhas mãos, levanta-te minha imagem e semelhança. Levanta-te, saímos daqui, tu em Mim e Eu em ti, somos um só.

Desperta tu que dormes, levanta-te de entre os mortos e Cristo te iluminará...

De uma antiga homilia de Sábado Santo.

# **3ª Parte**

**"A morte de Jesus nos tempos que correm  
Qual o olhar de Deus sobre o sofrimento no mundo actual"**



## ONDE ESTÁ DEUS?

E Deus observando o que tinha criado nesse dia disse “tudo está bem” (Gen 1,10...). O mesmo aconteceu todos os dias num total de 5, porque ao sexto dia disse “está muito bem”, esse foi o dia em que criou o homem, e Deus viu-o tão perfeito que precisou de acrescentar esse “MUITO”. E eu hoje pergunto-me: Onde ficou esse homem tão bem feito criado por Deus?

Sim! Eu pergunto-me pelo homem, enquanto a maior parte das pessoas hoje faz uma pergunta diferente: Onde está Deus?

É a pergunta repetida mil e uma vezes, nestes dias, ouvimo-la nas notícias da televisão e nos jornais, e também no cabeleireiro e no autocarro; se paramos a ouvir a conversa das pessoas pela rua também ouvimos o mesmo. Onde estava Deus quando aconteceu o Terramoto de Haití?

Certamente é a pergunta que sempre se faz perante tragédias, acidentes, guerras... Isso mesmo perguntaram ao teólogo judeu Elias Wiesel a propósito dos campos de extermínio na Alemanha Nazi, e ele respondeu “Deus estava nas vítimas”, porque Deus sempre se identifica com os que sofrem, com os frágeis, os marginalizados e os que morrem injustamente. E se não estão convencidos leiam Mt 25, 31-45.

Vivemos à margem de Deus, enquanto as coisas correm bem, temos sucesso e as nossas metas estão a ser atingidas, aí nem pensamos onde está Deus, tudo acontece porque nós somos fortes, inteligentes, trabalhadores e temos sorte, nada é porque Deus esteja ao meu lado a apoiar e a impulsionar a minha vida. Nesses momentos é indiferente onde Deus está, não preciso dele para nada.

Quando as dificuldades aparecem e chegam os fracassos aí sim pensamos em Deus mas é para perguntar onde está e para reprovar o facto de Ele permitir essa maldade toda. Ou seja, os extremos estão trocados: o positivo sou eu que o possibilito, mas o negativo é Deus quem o manda.

Onde está o Deus criador e Aquele que diz “tu és precioso aos meus olhos, eu amo-te”, ou Aquele que diz que nos conhece e gosta de nós desde o seio da nossa mãe, e que se declara um namorado do homem desde sempre e até sempre?

Se calhar não é que não esteja, mas sim que nós não O deixamos estar, ou temos atirado para fora do mundo, porque nós já somos “grandes” e sabemos gerir a criação toda.

Isto faz-me lembrar uma entrevista que nos Estados Unidos fizeram a uma jovem, importante jornalista cristã. Perguntaram-lhe onde estava Deus no trágico 11 de Setembro, onde tantos inocentes morreram. Ela com muita simplicidade recordou tantas leis que marginalizam Deus, leis permissivas, leis injustas, leis que atiram Deus fora das aulas, leis que favorecem os poderosos, leis pouco ecológicas, pouco humanas, nada fraternas. Leis que mantêm Deus à margem, fora, à porta. E ainda temos a ousadia de dizer “onde está Deus?”, melhor seria perguntar onde está o homem muito bom criado por Deus? Onde está o seu filho muito amado porque o homem que agora vemos não vive como filho vive como órfão porque ele mesmo tem deixado Deus de lado.



## AS MÃOS DE DEUS

ONDE ESTARÃO AS MÃOS DE DEUS?, pergunto-me  
Quando vejo a terra abandonada, as casas e as vidas arrasadas pela fúria da natureza.

ONDE ESTARÃO AS MÃOS DE DEUS?, pergunto-me  
Quando vejo as injustiças, a corrupção, a exploração do débil.

ONDE ESTARÃO AS MÃOS DE DEUS?, pergunto-me  
Quando contemplo aquela avó com olhar triste, pensando no filho que a tem esquecida e abandonada.

ONDE ESTARÃO AS MÃOS DE DEUS?, pergunto-me  
Quando vejo o jovem arrastar a sua existência sem sentido

ONDE ESTARÃO AS MÃOS DE DEUS?, pergunto-me  
Quando vejo a criança dormir entre cartões, com olhar sem esperança.

Tive a coragem de enfrentar Deus e perguntar-lhe,  
onde estão as tuas mãos Senhor?  
Para lutar pela justiça,  
para acarinhar o abandonado,  
para resgatar o jovem perdido,  
e dar ternura aos esquecidos.

Depois de um longo silêncio, escutei a voz de Deus.

“Não sabes que tu és as minhas mãos, usa-as, foram criadas para dar amor.



COMPRENDI, QUE AS MÃOS DE DEUS SOU EU E ÉS TU

## Catástrofes Naturais

Porquê, Senhor Deus, porquê o terramoto do Haiti, último da série das catástrofes naturais, depois do Tsunami? Porquê tantos cataclismos hoje esquecidos? No passado, houve o terramoto de Lisboa, que afligiu toda a Europa de então. Com certeza, já morreram também, desde há muito tempo, os sobreviventes do terramoto de 1755, assim como daqui a noventa anos terão desaparecido quase todos os sobreviventes do terramoto do Haiti. Sabemos Senhor, que somos seres finitos, cuja duração de vida é limitada, sabemos que a verdadeira qualidade de uma vida é marcada por actos de bondade, de solidariedade e de amor e que uma vida breve assim vivida sob o teu olhar, vale mais que uma vida longa de egoísmo e de afastamento de ti. Mas ao sabermos isso, ainda não compreendemos a razão pela qual são precisas tantas catástrofes na evolução do nosso universo terrestre. Porquê tantos sofrimentos, mesmo para inocentes como crianças, para jovens que se amam na primavera da vida, para adultos que procuram trabalhar honestamente na construção do mundo? Porquê tantas crianças ceifadas pelo cancro ou outras doenças mortais, porquê famílias tão cedo truncadas pela doença de um pai ou de uma mãe? Será que o teu olhar não é tão afectuoso como o olhar que nós próprios reservamos às crianças? Porquê, Senhor, porquê?

Mas no próprio instante em que dirigimos para Ti esta sucessão de lancinantes «porquê?», a lembrança de Job invade a nossa mente; lembramo-nos de Job, o teu fiel servo, imagem de um homem sem falha, sem falta e sem culpa, sobre o qual caem os sofrimentos mais inimagináveis e intoleráveis, Job no seu monte de estrume, cheio de chagas e olhando para o céu. Na veemência do seu protesto, ele exigia comparecer em tribunal diante de Ti para saber quem tinha razão, ele ou Tu. Ao mesmo tempo repudiava todos os amigos, os pseudo-amigos, que o queriam desviar da sua proclamação de inocência e da sua exigência de explicação. Do mesmo modo, os discípulos de Job na terra do Haiti, em L'Aquila de Itália, ou nas terras longínquas da Índia, não deixam de te dirigir o mesmo grito de protesto: «por que é, Senhor, que nos deixas cair na nossa sorte miserável, vítimas do nosso infortúnio? Será que jogas aos dados com o mundo? Será que és um relojoeiro imperfeito, deixando desregular-se as engrenagens dos acontecimentos terrestres?»

Ao pensarmos isso, Senhor, vem-nos também ao espírito a tua resposta quando aceitaste comparecer diante de Job. Não criticaste Job, mas respondeste-lhe com perguntas: «Onde estavas quando lancei os fundamentos da terra? Diz-mo, se a tua inteligência dá para tanto. Sabes quem determinou as suas dimensões? Quem estendeu a régua sobre ela?» (Job, 38,4). Assim, Senhor, quiseste dizer-nos que o sofrimento não é um castigo pelo mal moral, mas que o ser humano é demasiado pequeno para compreender este mistério do sofrimento, do sofrimento dos inocentes. É um abismo de perguntas que nós não temos a capacidade de compreender. É por isso que aceitas a nossa queixa como oração. Longe de nos condenar, estamos então à espera que digas de nós o que acabaste por dizer do teu servo Job: «quem falou bem de mim, foi o meu servo Job». Senhor, com estas palavras, deste-nos também o direito de nos queixarmos diante de Ti, aceitaste as nossas recriminações como válidas: é como se tivesses dito: «deixem subir até mim as vossas queixas, a vossa queixa é também uma oração para mim». Será isso contudo a tua última palavra?

E então lembramo-nos também que, segundo os Evangelhos de Marcos e de Mateus, a última palavra de Jesus na cruz foi: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?». Jesus, mesmo Jesus, o teu Filho de predilecção, morreu com um «porquê?», mas o «porquê» dele foi também a oração que não o separou de Ti, mas que Te aproximou ainda mais dele. Então, Senhor, como é que nós quereríamos

dominar o mistério do mal, do mal de sofrimento tanto como o mal de culpa, se o teu Filho morreu com um «porquê?»? É verdade, nunca compreenderemos o sentido último dos acontecimentos que tanto nos chocam. Mas, se percebemos bem, o teu desejo sobre nós é que não façamos das misérias sofridas na nossa condição terrestre um motivo de desconfiança em relação a Ti, uma ocasião de ruptura, como em «La peste» de Camus. Com a ressurreição de Jesus quiseste dizer-nos igualmente que, um dia, teremos a luz para apaziguar todas as perguntas, por dramáticas que sejam. Há tantas coisas quebradas no nosso mundo, mas se é verdade que um dia viveremos na plena luz, talvez então, e apenas então, tenhamos a resposta, talvez seja então esta resposta a simples superação das perguntas sem resposta. Porque a resposta será a Tua resposta e não a nossa, a Tua vitória sobre todas as forças do mal, e não a nossa simples compreensão intelectual daquilo que supera o nosso entendimento. Ajuda-nos, Senhor, a não fazer das misérias que assolam o nosso mundo uma ocasião de queda no absurdo, mas um grito, ao mesmo tempo de queixa e de confiança, na tua capacidade de responder por nós e para nós.

Michel Renaud

Professor catedrático de Filosofia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa



Crucifixo Catedral Port au Prince

## Guerras, violência e acidentes provocados pelo homem

Com temor e tremor e com muito respeito, quero rezar este tema que me tem sido proposto.

Eu sei que perante as desgraças as nossas reacções não são sempre iguais, um acidente que arrebatava um filho a uma família, uma guerra injusta, as violências que existem sempre contra os mais frágeis, provocam em nós perguntas, respostas e atitudes de todo o tipo.

Senhor, eu gostaria hoje de dialogar contigo não desde os tópicos de sempre, aqueles em que se julga quem é o culpado, ou se Tu, que és Deus, permites estes males para castigar-nos pelos nossos pecados, mas quero antes enfrentar as respostas que nós, cristãos, temos que dar.

É importante não ficar nas críticas, nos problemas mas procurar as soluções. Não critique, colabore, é a melhor reacção. Enquanto procuramos culpados e fazemos mil perguntas, a situação continua na mesma e nós temos a nossa cabeça ocupada não em procurar resolver os problemas, que seria o melhor e o mais justo.

Mas Jesus, qual crês tu que seja a solução para estes males que assolam a nossa humanidade e que a muitos os deixa de rastros?

*Ecoa em mim "O AMOR TUDO PODE" de 1Cor 13. Dizer assim pode ser muito genérico, mas São Paulo, detalha o amor e diz que "o amor é paciente, é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta."*

Se em todos nós, existisse esta classe de amor, muitas das desgraças não aconteceriam e as que passassem com certeza que as saberíamos viver de forma diferente com uma aceitação séria e com uma dor profunda.

Se o nosso amor fosse paciente, muitas discussões no trabalho, entre amigos, na família, no matrimónio, não surgiriam. E vejam que estas discussões, às vezes não só ficam em palavras e passam a actos violentos, que fazem subir o número de mortos pela violência de género, por disputas de herança entre irmãos, etc.

Se não fossemos arrogantes, nem orgulhosos, não pensaríamos que somos os melhores, os únicos que temos a razão, os que cremos que tudo sabemos e dominamos e iríamos com mais cuidado pela vida, não marginalizaríamos ninguém, não pensaríamos que uns têm mais direitos que outros, pensaríamos que a igualdade dentro da diversidade é não só possível mas também uma riqueza, não seríamos racistas, nem homófobos, nem fundamentalistas.

Se vivêssemos um amor que nos ajuda a não fazer nada de inconveniente, respeitáramos muito os outros, os sinais de trânsito, a natureza, a saúde, a nosso próprio corpo. E assim os mortos por acidentes de viatura seriam menos, a natureza não romperia o seu ciclo natural e não provocaria tantos desastres, não haveria tantos alcoólicos nem drogados e o aborto não seria o tema de entretenimento dos políticos, também não haveria escravidão sexual de mulheres, nem de crianças.

Se o amor não procurasse o próprio interesse, quantas guerras por interesses deixariam de acontecer? Os povos respeitar-se-iam, poderíamos colaborar e cada

um dar ao outro o que o outro não tem, e aceitar o que o outro tem e nós não, sem necessidade de roubar ou de provocar conflitos bélicos.

Se o amor não se irritasse, nem guardasse ressentimentos, evitar-se-iam muitas vinganças e ajustes de contas, familiares, entre países, entre etnias, entre grupos sociais, entre monopólios e mercados. Tudo seria mais justo.

Se a verdade fosse a nossa lei, os preços não seriam injustos, as crianças não trabalhariam escravizadas, o mercado não enganaria com as suas marcas, a publicidade informaria e não manipularia. Os governos e os políticos procurariam o bem para o seu povo....

*Mas ainda que tudo o que foi referido anteriormente não fosse verdade, ficaria que o amor **“Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”**. E não porque o amor seja parvo, ou esteja cego, ou seja apático, ou resignado, mas sim porque quando o vivemos e não o teorizamos, experimentamos a vida abundante que dá e os frutos de vida que a nossa vida produz.*

O amor, á a melhor lei que podemos viver, e é uma lei que nos dá liberdade, a autêntica liberdade que não é libertinagem, é o que nos permite fazer o que nos faz bem a nós e aos outros ainda que não seja o que gostamos mais ou o que nesse momento nos apeteça mais fazer. Enquanto que quando fazemos tudo aquilo que queremos porque ao nosso parecer somos livres, fazemos tanto mal a nos próprios e também aos outros que até precisamos de mais leis para poder conviver.

*Deus criou-nos livres e São Paulo diz que **“foi para a liberdade que Cristo nos libertou”**(Gl 5,1). Se ainda não ficamos convencidos, convido a todos lerem devagarinho o capítulo 5 da carta de são Paulo aos Gálatas, e vejam quais são os frutos da nossa falsa liberdade e quais são os que resultam de viver na liberdade do Espírito.*

Quando fazemos as coisas por nossa conta, provocamos males, acidentes, injustiças, violências. Deus não quer isso e ainda menos o permite pois é a nossa falsa liberdade que o provoca. Mas também é verdade que Deus não foge nessas situações, está com o que morre, e com aquele que chora. Também é verdade que as mãos de Deus estão repartindo ternura nas pessoas generosas e solidárias, estão nos seus lábios com palavras de consolo, aí está o seu coração com os seus latidos de amor e conforto, e muitas vezes está aí em silêncio porque por vezes é calando que se dizem as coisas melhores.

Termino assegurando que Deus não provoca o mal, somos nós. Mas também é verdade que Ele está aí sofrendo porque Deus nunca abandona os seus filhos.



## ENCONTRO COM O SOFRIMENTO

Não é fácil, Senhor, o nosso encontro com o sofrimento...

Pensam alguns, Senhor, que Tu amas o sofrimento e o envias, como prova, aqueles que mais estimas... Mas eu creio, Senhor, que o que Tu amas é o sofredor e por isso, porque éramos grandes sofredores, nos enviaste o próprio Filho para que Ele nos aliviasse.

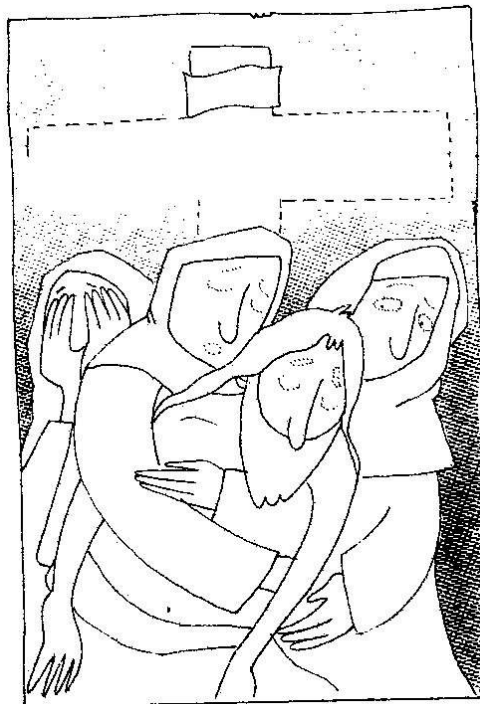
Pensam outros que Te prestam maior homenagem inventando sofrimentos com que se martirizam e penitenciam. Mas eu creio, Senhor, que a única homenagem que Te é grata é o amor dos que sofrem e não o seu sofrimento.

Não, ó Pai, não fostes Tu que criaste o sofrimento, inventaste as dores, multiplicastes as cruzes, sacrificaste o Filho e nos apresentas o Calvário como ideal.

Mais profundamente, somos convidados a reconhecer aí a mesma paixão de sempre. A paixão pela Aliança entre Ti e nós, amor fiel à procura da reconciliação, mesmo quando o caminho é via sacra.

Mais secretamente, somos convidados a descobrir aí o amor apaixonado do Filho carregando as nossas cruzes, ultrapassando as nossas barreiras, quebrando as nossas cadeias, no sofrimento e na dor, tanto quanto necessário, para que, na Sua Pessoa e na força do Seu Espírito, regressássemos ao Teu regaço de Pai.

P. Carlos Paes





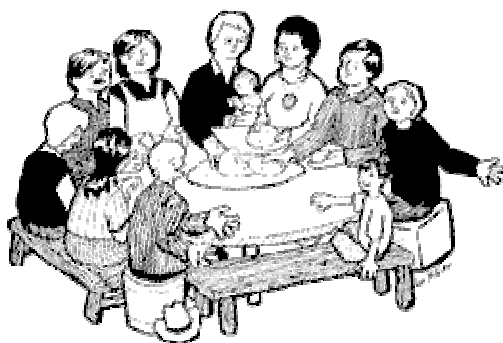
*Salvifici Dolores* é uma Carta Apostólica do Papa João Paulo II, em que discorre sobre o sentido cristão do sofrimento humano. Foi publicada em 11 de Fevereiro de 1984 (festa de Nossa Senhora de Lurdes; Dia Mundial do Doente). Após recuperar do atentado de 13 de Maio de 1981 e também inspirado por esta sua experiência, o Papa João Paulo II quis falar à Igreja e ao mundo sobre o sentido do sofrimento do humano.

Sendo um mal em si, o sofrimento transforma-se num bem na medida em que tem o poder de apontar o caminho para a união com Deus. O sofrimento redentor, de que fala o Papa neste texto, foi por ele vivido e testemunhado até ao último momento da sua vida.

Para um caderno em que abordamos o tema do sofrimento, escolhemos alguns excertos desse documento.

---

*O sofrimento humano constitui em si próprio como que um “mundo” específico, que existe juntamente com o homem, que surge nele e passa, ou então que, às vezes, não passa, mas se consolida e aprofunda nele. Este mundo do sofrimento, abrangendo muitos, numerosíssimos sujeitos, existe por assim dizer na dispersão. Cada um dos homens, mediante o seu sofrimento pessoal, por um lado constitui só uma pequena parte desse “mundo”; mas, ao mesmo tempo, esse “mundo” está nele como uma entidade finita e irrepetível. A par disso existe também a dimensão inter-humana e social. O mundo do sofrimento possui como que uma sua própria capacidade. Os homens que sofrem tornam-se semelhantes entre si por efeito da analogia da sua situação, da provação do destino partilhado, ou da necessidade de compreensão e de cuidados; mas sobretudo, talvez, por causa do persistente interrogar-se sobre o sentido do sofrimento. Embora o mundo do sofrimento exista na dispersão, contém em si, ao mesmo tempo, um singular desafio à comunhão e à solidariedade.*



*Ao pensar no mundo do sofrimento e no seu significado pessoal e ao mesmo tempo colectivo, não se pode, enfim, deixar de notar o facto de que este mundo como que se adensa de modo particular nalguns períodos de tempo e em certos espaços da existência humana. É o que acontece, por exemplo, nos casos de calamidades naturais, de epidemias, catástrofes e cataclismos, ou de diversos flagelos sociais (...).*

Mas para se poder perceber a verdadeira resposta ao “porquê” do sofrimento, devemos voltar a nossa atenção para a revelação do amor divino, fonte última do sentido de tudo aquilo que existe. O amor é também a fonte mais rica do sentido do sofrimento que, não obstante, permanece sempre um mistério; estamos conscientes

da insuficiência e inadequação das nossas explicações. Cristo introduz-nos no mistério e ajuda-nos a descobrir o “porquê” do sofrimento, na medida em que nós formos capazes de compreender a grandeza do amor divino.

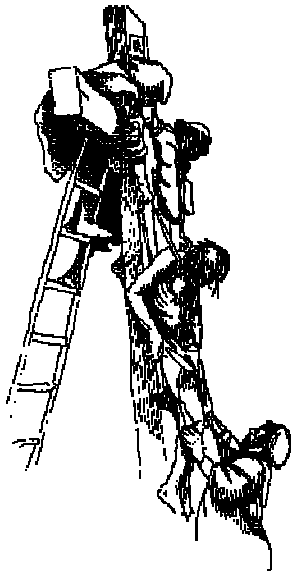
Para descobrir o sentido profundo do sofrimento, seguindo a Palavra de Deus revelada, é preciso abrir-se amplamente ao sujeito humano com as suas múltiplas potencialidades. É preciso, sobretudo, acolher a luz da Revelação, não só porque ela exprime a ordem transcendente da justiça, mas também porque ilumina esta ordem com o amor, qual fonte definitiva de tudo o que existe. O Amor é ainda a fonte mais plena para a resposta à pergunta acerca do sentido do sofrimento. Esta resposta foi dada por Deus ao homem na Cruz de Jesus Cristo.

*Na sua actividade no meio do povo de Israel, Cristo tornou-se incessantemente próximo do mundo do sofrimento humano. “Passou fazendo o bem”; e adoptava este Seu modo de proceder em primeiro lugar para com os que sofriam e os que esperavam ajuda. Curava os doentes, consolava os aflitos, dava de comer aos famintos, libertava os homens da surdez, da cegueira, da lepra, do demónio e de diversas deficiências físicas; por três vezes, restituiu mesmo a vida aos mortos. Era sensível a toda a espécie de sofrimento humano, tanto do corpo como da alma. Ao mesmo tempo ensinava; e no centro do seu ensino propôs as oito bem-aventuranças, que são dirigidas aos homens provados por diversos sofrimentos na vida temporal. Estes são os “pobres em espírito”, “os aflitos”, “os que têm fome e sede de justiça”, “os perseguidos por causa da justiça”, quando os injuriam, os perseguem e, mentindo, dizem toda a espécie de mal contra eles por causa de Cristo...*

*Mas, Cristo aproximou-se do mundo do sofrimento humano, sobretudo pelo facto de ter Ele próprio assumido sobre si este sofrimento. Durante a sua actividade pública, Ele experimentou não só o cansaço, a falta de uma casa, a incompreensão mesmo da parte dos que viviam mais perto dele, mas também e acima de tudo foi cada vez mais acantado por um círculo hermético de hostilidade, ao mesmo tempo que se iam tornando cada dia mais manifestos os preparativos para o eliminar do mundo dos vivos. E Cristo estava consciente de tudo isto e muitas vezes falou aos seus discípulos dos sofrimentos e da morte que o esperavam: “Eis que subimos a Jerusalém; e o Filho do homem vai ser entregue nas mãos dos príncipes dos sacerdotes e dos escribas, e eles condená-lo-ão à morte e entregá-lo-ão nas mãos dos gentios, que o hão-de escarnecer, cuspir sobre ele, flagelar e matar. Mas três dias depois ressuscitará”. Cristo vai ao encontro da sua paixão e morte com plena consciência da missão que deve realizar exactamente desse modo.(...) É precisamente por meio da Sua cruz que ele deve realizar a obra da salvação. Esta obra, no desígnio do Amor eterno, tem um carácter redentor.*

*O sofrimento humano atingiu o seu vértice na paixão de Cristo; e, ao mesmo tempo, revestiu-se de uma dimensão completamente nova e entrou numa ordem nova: ele foi associado ao amor, àquele amor de que Cristo falava, àquele amor que cria o bem, tirando-o mesmo do mal, tirando-o por meio do sofrimento, tal como o bem supremo da Redenção do mundo foi tirado da cruz de Cristo e nela encontra perenemente o seu princípio. A cruz tornou-se uma fonte da qual brotam rios de*

água viva. Nela devemos também repropor-nos a pergunta sobre o sentido do sofrimento, e ler aí até ao fim a resposta a tal pergunta.



Cristo não escondia aos seus ouvintes a necessidade do sofrimento. Pelo contrário, dizia-lhes muito claramente: “Se alguém quer vir após mim... tome a sua cruz todos os dias”; e aos seus discípulos punha exigências, cuja realização só é possível se cada um se “renega a si mesmo”. O caminho que conduz ao reino dos céus é “estrito e apertado”. Diversas vezes Cristo disse também que os seus discípulos e confessores haveriam de encontrar muitas perseguições; o que — como se sabe — aconteceu, não só nos primeiros séculos da vida da Igreja, nos tempos do império romano, mas não cessou de se verificar também em diversos outros períodos da história e em diversos lugares da terra, mesmo nos nossos dias.

A parábola do Bom Samaritano pertence ao Evangelho do sofrimento. Ela indica, de facto, qual deva ser a relação de cada um de nós para com o próximo que sofre. Não nos é permitido « passar adiante », com indiferença; mas devemos « parar » junto dele. Bom Samaritano é todo o homem que se detém junto ao sofrimento de um outro homem, seja qual for o sofrimento. Parar, neste caso, não significa curiosidade, mas disponibilidade. Esta é como que o abrir-se de uma disposição interior do coração, que também tem a sua expressão emotiva. Bom Samaritano é todo o homem sensível ao sofrimento de outrem, o homem que “se comove” diante da desgraça do próximo. Se Cristo, conhecedor do íntimo do homem, põe em realce esta comoção, quer dizer que ela é importante para todo o nosso modo de comportar-nos diante do sofrimento de outrem. É necessário, portanto, cultivar em si próprio esta sensibilidade do coração, que se demonstra na compaixão por quem sofre. Por vezes esta compaixão acaba por ser a única ou a principal expressão do nosso amor e da nossa solidariedade com o homem que sofre.

O Bom Samaritano da parábola de Cristo não se limita, todavia, à simples comoção e compaixão. Estas transformam-se para ele num estímulo para as acções que tendem a prestar ajuda ao homem ferido. Bom Samaritano, portanto, é, afinal, todo aquele que presta ajuda no sofrimento, seja qual for a sua espécie; uma ajuda, quanto possível, eficaz. Nela põe todo o seu coração, sem poupar nada, nem sequer os meios materiais. Pode-se dizer mesmo que se dá a si próprio, o seu próprio « eu », ao outro. (...) O Bom Samaritano é o homem capaz, exactamente, de um tal dom de si mesmo.

O mundo do sofrimento humano almeja sem cessar, por assim dizer, outro mundo diverso: o mundo do amor humano; e aquele amor desinteressado que vem do coração e transparece nas acções da pessoa que sofre; amor que esta deve, aliás, em certo sentido ao sofrimento. O homem que é o “próximo” não pode passar com indiferença diante do sofrimento de outrem; e isso, por motivo da solidariedade humana fundamental e em nome do amor ao próximo. Deve parar, deixar-se comover, como fez o Samaritano da parábola evangélica. Esta parábola, em si

*mesma, exprime uma verdade profundamente cristã e, ao mesmo tempo, muitíssimo humana universalmente.*

*Esta parábola, por fim, quanto ao seu conteúdo, tem cabimento naquelas inquietantes palavras do juízo final, que São Mateus recolheu no seu Evangelho: “Vinde, benditos de meu Pai, entrai na posse do reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber; era peregrino e destes-me hospedagem, andava nu e vestistes-me, estava doente e visitastes-me, estava no cárcere e fostes ver-me”.*

*Estas palavras sobre o amor, sobre os actos de caridade relacionados com o sofrimento humano, permitem-nos descobrir, uma vez mais, por detrás de todos os sofrimentos humanos, o próprio sofrimento redentor de Cristo.(...) Cristo ensinou o homem a fazer bem com o sofrimento e, ao mesmo tempo, a fazer bem a quem sofre. Sob este duplo aspecto, revelou cabalmente o sentido do sofrimento.*

*Tal é o sentido do sofrimento: verdadeiramente sobrenatural e, ao mesmo tempo, humano; é sobrenatural, porque se radica no mistério divino da Redenção do mundo; e é também profundamente humano, porque nele o homem se aceita a si mesmo, com a sua própria humanidade, com a própria dignidade e a própria missão.*



Com Maria, Mãe de Cristo, que estava de pé junto à Cruz, nós detemo-nos junto a todas as cruzes do homem de hoje.

Invocamos todos os Santos, que no decorrer dos séculos foram de modo especial participantes nos sofrimentos de Cristo. Pedimos a sua protecção.

E pedimos a todos vós que sofreis, que nos ajudeis. Precisamente a vós, que sois fracos, pedimos que vos torneis uma fonte de força para a Igreja e para a humanidade.